

**Do V Congresso Internacional de Psicodrama e Sociodrama ao evento
“Ética e Cidadania”
– Vicissitudes históricas do Psicodrama no Brasil**

From the V International Congress of Psychodrama and Sociodrama to the
“Ethics and Citizenship” event
– Historical vicissitudes of Psychodrama in Brazil

Lívia Borges Hoffmann Dorna; Aline de Araújo Gonçalves da Cunha; Heliana de Barros Conde Rodrigues

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO:

O artigo descreve vicissitudes históricas do Psicodrama no Brasil, tomando como marcos cronológico-institucionais o V Congresso Internacional de Psicodrama e Sociodrama (1970) e a promoção, em 2001, pela prefeitura da cidade de São Paulo, do evento “Ética e Cidadania”. O principal objetivo do texto é analisar os nexos entre Psicodrama e poder, em consonância com a proposta da Análise Institucional.

Palavras-chave: Psicodrama; história; Análise Institucional

ABSTRACT:

The article describes some historical vicissitudes of Psychodrama in Brazil considering the V International Congress of Psychodrama and Sociodrama (1970) and the promotion of the “Ethics and Citizenship” event by the administration of the city of São Paulo in 2001 as chronological-institutional marks. The main aim of this paper is to analyse the links between Psychodrama and power in agreement with what Institutional Analysis proposes.

Key words: Psychodrama; history; Institutional Analysis

Nosso interesse em investigar a trajetória do psicodrama no Brasil surgiu como desdobramento da pesquisa “Um Momento Analisador na História da Análise Institucional no Brasil: a visita de Lapassade ao Setor de Psicologia Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 1972”. A exploração detalhada dessa visita nos remeteu a um momento anterior: a vinda do analista institucional francês a nosso país, em 1970, a convite do Living Theater, quando participou do V Congresso Internacional de Psicodrama e Sociodrama, realizado na cidade de São Paulo.

O presente artigo analisa as circunstâncias históricas em que ocorreu tal congresso e se desdobra em breve reconstrução das vicissitudes do movimento psicodramático brasileiro no período que se estende até a realização do evento “Ética e Cidadania”, promovido pela prefeitura de São Paulo no ano de 2001, quando vivências psicodramáticas se espalharam por vários pontos da cidade.

Ao definir esses limites para o texto, não se pretende estabelecer o V Congresso Internacional de Psicodrama e Sociodrama como “marco zero” da trajetória do psicodrama em nosso país, visto reconhecermos a existência de experiências não necessariamente menos importantes em momentos mais remotos. Conforme já

assinalamos, a determinação do ponto inicial do percurso decorreu de um achado ocasional ligado a uma problemática distinta, relativa à história da Análise Institucional no Brasil¹. Porém, havendo Lapassade participado, durante a visita ao Setor de Psicologia Social da UFMG, em 1972, de eventos ligados à prática do psicodrama², e tendo ele procurado, então, discutir as condições e os efeitos político-institucionais de tal prática, o problema dos nexos entre o psicodrama e os exercícios de poder ganhou, para nós, o estatuto de problemática singular³. Neste sentido, os marcos inicial e final estabelecidos para balizar a presente exposição podem ser vistos como momentos específicos em que o psicodrama, além de estar imerso nas lutas por hegemonia no campo *psi*, pareceu extrapolar, em muito, esse âmbito especializado, exibindo vínculos ampliados com a esfera política.

A despeito dessas ressalvas, deve ser feita uma rápida menção a experiências com o psicodrama anteriores ao período aqui abordado. Não porque desejemos, mediante algum uso antiquário ou monumental da história, obrigar os acontecimentos a uma continuidade que, decerto, não lhes é própria ou natural (FOUCAULT, 1979). Pelo contrário, a enumeração que se segue – isenta de pretensão de exaustividade – aspira a tratar o conjunto de ocorrências que traz à luz como linhas soltas da memória (DE DECCA, 1999; RODRIGUES, 2002). Sendo assim, sua eventual retomada durante as análises empreendidas neste artigo pretende ser promotora de estranhamento ou surpresa, e não de um tranqüilizante reconhecimento de precursores⁴.

Cumprе mencionar, com tal intuito, as experiências de Pierre Weil, a princípio no SENAC (Serviço Nacional do Comércio) do Rio de Janeiro (1955) e, posteriormente, na área de Recursos Humanos do Banco da Lavoura de Minas Gerais (1965); a publicação, pelo mesmo Pierre Weil, do primeiro livro brasileiro sobre psicodrama (WEIL, 1967), prefaciado por Jacob Lévy Moreno; o trabalho clínico de Norma Jatobá (1960) na cidade de São Paulo; as iniciativas de Célio Garcia, com grupos de crianças e adolescentes, no Centro Médico Pedagógico de Minas Gerais (1961), e as de Flávio D’Andrea – autor, em 1963, do primeiro artigo brasileiro sobre sociometria e, em 1964, dos primeiros trabalhos sobre psicodrama apresentados em congressos – no Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP-Ribeirão Preto (1962); a prática clínica de Íris Soares de Azevedo, em São Paulo, aliada à formação de grupos de estudo de psicodrama (1962) dos quais participaram, entre outros, José Manoel D’Alessandro e Alfredo Correia Soeiro; as iniciativas de José Manoel D’Alessandro, introduzindo o psicodrama em grupos de adolescentes no Hospital do Servidor

¹ Detalhes dessa pesquisa podem ser vistos em Cunha, Dorna e Rodrigues, neste número de *Mnemosine*.

² Pode-se destacar a participação de Lapassade no Primeiro Encontro da Sociedade Brasileira de Psicoterapia, Dinâmica de Grupo e Psicodrama, bem como sua presença em sessões psicodramáticas com grupos de estudantes de psicologia da UFMG (LAPASSADE, 1974).

³ Por mais que singular, nosso interesse pela trajetória do psicodrama jamais se desvinculou totalmente da história da Análise Institucional. A esse respeito, lembramos que o V Congresso Internacional de Psicodrama e Sociodrama foi, ao mesmo tempo, o I Congresso Internacional de Comunidade Terapêutica, e que as experiências com essa forma de assistência em saúde mental constituem um dos primeiros campos em que a Análise Institucional se fez presente no Brasil (RODRIGUES, 2002)

⁴ Sobre a crítica da categoria *precursor* em história, ver Canguilhem, 1972.

Público Estadual (1966). Menos conhecidas, e ainda demandando pesquisas por parte dos historiadores, são as experiências do sociólogo Guerreiro Ramos que, ao final dos anos 1940, utilizou o psicodrama no Teatro Experimental do Negro, no Rio de Janeiro⁵. Já a presença do psicodrama no ensino universitário, datada dos anos 1960, permite evidenciar a importância do Instituto Sedes Sapientiae (BAPTISTA, 2005). Finalmente, cabe citar a formação de Pierre Weil, que se tornou diretor na vertente do Psicodrama Triádico mediante treinamento, em Paris, com Anne Ancelin Schützemberg, no período 1959-1960, sem esquecer que em 1966 alguns brasileiros (Íris Soares de Azevedo, Alfredo Correia Soeiro e Maria do Rosário Carvalho) participaram do III Congresso Internacional de Psicodrama e Sociodrama, realizado em Barcelona.

Concluindo estas considerações preliminares, ressaltamos que, para a elaboração do presente trabalho, recorreremos à pesquisa documental, com eixos diversos: fontes bibliográficas tradicionais (livros e artigos que focalizam a história do psicodrama no Brasil e na América Latina); entrevistas com praticantes do psicodrama, editadas em jornais de federações, sociedades e conselhos profissionais, parte das quais acessível via Internet; reportagens publicadas na grande imprensa no período de realização do V Congresso Internacional de Psicodrama e Sociodrama, consultadas no acervo da Biblioteca Nacional; reportagens sobre o evento “Ética e Cidadania” publicadas no jornal “Folha de São Paulo”, disponíveis via Internet.

Contracultura e especialismo – paradoxos

Em 1967, quando da realização, em São Paulo, do V Congresso Latino-Americano de Psicoterapia de Grupo, está presente o psicodramatista colombiano, há muito radicado na Argentina, Jaime Rojas-Bermudez – diplomado diretor (1963) pelo Moreno Institute (World Center for Psychodrama, Sociometry and Group Psychotherapy), Beacon, Nova York. Em entrevista divulgada no site da FEBRAP⁶, o psicodramatista José Fonseca assim relembra a participação de Bermudez e suas repercussões:

Ele apresentou vários trabalhos. Foi coordenador da mesa-redonda em que apresentei meu primeiro trabalho sobre grupo (na ocasião, trabalhava com grupos de orientação psicanalítica). Ele também dirigiu o Psicodrama Público no TUCA (Teatro da Universidade Católica da PUC-SP), que fazia parte do programa oficial do congresso. O TUCA estava lotado. A protagonista, que depois seria psicodramatista, foi Ângela Massi. Pode-se dizer que foi um psicodrama público de família, porque a um certo momento o irmão de Ângela, que estava na platéia, também participou da dramatização. Algumas pessoas ficaram entusiasmadas, outras acharam um absurdo. Umas exclamavam: "E o sigilo profissional?!". Outras argumentavam: "Bem, mas a pessoa foi lá porque quis!"

Por ocasião do mesmo congresso, fica definida a realização, no ano seguinte, de um curso intensivo de Psicodrama, em São Paulo. A convite de Oswaldo Di Loreto e Michel Schwarzschild, ligados ao Hospital do Servidor Público Estadual, Bermudez dirigirá a experiência: vivências psicodramáticas, ao longo de duas semanas, realizadas nas dependências da Clínica Enfance. Na esteira do curso, forma-se o Grupo de Estudos de

⁵ A respeito, consultar a entrevista concedida por Guerreiro Ramos em 1981 a Alzira Alves de Abreu e Lucia Lippi Oliveira (OLIVEIRA, 1995).

⁶ Acesso em 25/06/2003.

Psicodrama e Sociodrama de São Paulo (GEPSP), sendo escolhidos como coordenadores, através de um sociodrama, Alfredo Correia Soeiro, Antônio Carlos Cesarino, Íris Soares de Azevedo, José Manoel D’Alessandro, Laércio de Almeida Lopes, Pedro Paulo Uzeda Moreira, Michel Schwarzschild e Deocleciano Alves⁷. Com exceção de Íris, psicóloga, todos são médicos, muitos deles associados ao Hospital do Servidor Público Estadual e/ou ao Hospital das Clínicas (COIMBRA, 1995).

Nesse contexto, durante a realização do IV Congresso Internacional de Psicodrama e Sociodrama, em Buenos Aires (1969), ao qual esteve presente Jacob Lévy Moreno, surge a idéia de realizar o encontro subsequente em 1970, no Brasil – até então, as reuniões haviam privilegiado os países europeus. Na entrevista antes mencionada, José Fonseca relembra:

Em 1969, estive no IV Congresso Internacional de Psicodrama, na Argentina, em Buenos Aires. Tenho guardado o discurso proferido por Moreno no encerramento do mesmo. Um longo discurso em que fala entre outras coisas: "...realizemos, então, um congresso, a cada ano, na América Latina. Um congresso não de palavras, mas de ações, um congresso para aprender a viver... Para aprender a viver, e por esse motivo, decidimos que nosso próximo congresso terá lugar no Brasil, na cidade de São Paulo, no próximo ano. Salve o Brasil, salve!". Em alguns momentos desse congresso, em Buenos Aires, ele se refere a Rojas-Bermudez como seu "filho".

Organizado pelo GEPSP, liderado por Bermudez – cuja entronização como herdeiro de Moreno na América Latina era uma das expectativas associadas ao evento brasileiro –, o V Congresso Internacional de Psicodrama e Sociodrama efetivamente se realizará entre 16 e 22 de agosto de 1970, na cidade de São Paulo. Porém Moreno, ansiosamente aguardado, não comparecerá – sob a alegação de doença, segundo alguns; por um suposto temor à epidemia de tifo que estaria assolando a América do Sul, segundo outros. No entanto, se alguma epidemia ameaça especificamente os psicodramatistas, parece ser a das rivalidades pelo domínio do movimento, conforme sugere, uma vez mais, José Fonseca:

O anúncio de uma guinada do movimento psicodramático em direção à América Latina deve ter surpreendido os americanos e europeus. Creio também que outros "filhos" de Moreno, pois filhos psicodramáticos ele os teve muitos, sentiram-se atingidos com a inclusão de Rojas-Bermudez na herança. (...) Este, por sua vez, revelou-se um político inábil em suportar a pressão política que se seguiu.

O V Congresso teve lugar no então recém-inaugurado prédio do Museu de Arte de São Paulo (MASP), na Avenida Paulista. Lina Bo Bardi, arquiteta encarregada do projeto da nova sede, foi a responsável pela construção de seis anfiteatros móveis, onde se desenrolaram as sessões. Diferentemente dos congressos científicos tradicionais, em que são apresentados somente relatórios oficiais e comunicações, o MASP foi palco de teatralizações, oficinas e grupos de expressão públicos. Quanto a este aspecto, declarou Bermudez à imprensa, cerca de um mês antes do evento:

⁷ Pouco tempo depois, os dois últimos se desligaram do movimento psicodramático.

Queremos que este seja um congresso onde todos se sintam participantes. Não uma participação passiva. Mas ativa, dramatizada, reduzindo consideravelmente a distância entre o expositor e os outros congressistas. (...) O primeiro Congresso Internacional de Psicodrama, em Paris, diferiu pouco de todos os outros congressos médicos. Apenas os ateliers marcavam um congresso diferente. Agora, podemos dizer que em nada nos assemelhamos aos demais. A inovação deste V Congresso de Psicodrama e Sociodrama são os grupos de ‘discussão dramatizada’, que foram apenas objeto de uma mesa redonda no último encontro na Argentina. E assim vamos evoluindo (Jornal do Brasil, 19-20/07/1970).

Além dos grupos de ‘discussão dramatizada’, o congresso ofereceu ‘ateliers de psicodrama e de expressão’ e ‘teatro permanente’. Dentre os temas da programação, incluíram-se: ‘Jogos Dramáticos Aplicados à Educação’, ‘Psicodrama de Casais’, ‘de Crianças’, e ‘de Adolescentes’, ‘Sociodrama em Grupos de Trabalho’, ‘Manejo da Agressão’, ‘da Sedução’, ‘do Silêncio’, ‘da Distância’, ‘do Espaço’ e ‘do Tempo’ em Terapia Psicodramática, ‘Testes de Espontaneidade’, ‘Psicodrama e Alucinógenos’, ‘Técnicas Dramáticas e Orientação Pedagógica para Escolares, Pais e Professores’, ‘Aprendizagem de Papéis com Executivos’ ‘Jogos Dramáticos’, ‘Psicodança’ e ‘Higiene Rural’.

A ênfase na participação e em atividades coletivas colaborou para que o evento representasse um contraponto tanto à psicanálise – perspectiva já então hegemônica nas hostes *psi* – quanto à Ditadura Militar – cujas hostes, notadamente a partir de 1968, garantiam a própria hegemonia à base de isolamento-silenciamento, quando não de desaparecimento-tortura. Vale frisar, contudo, que de acordo com entrevista concedida por Antônio Carlos Cesarino ao *Jornal Psi*⁸, do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, os psicodramatistas brasileiros nada tinham contra a Psicanálise: os psicanalistas é que se teriam posicionado contra a publicização das práticas *psi*, cuja associação ao intimismo-privatismo não só acatavam como defendiam. Com base no fato de qualquer pessoa interessada poder inscrever-se no V Congresso, muitos psicanalistas alegaram, à época, que um evento nesses moldes representava uma falta de ética profissional. Ainda conforme Cesarino, o movimento psicoterápico não-psicanalítico passa a representar uma ameaça à Psicanálise exatamente a partir do V Congresso, visto que o psicodrama chega, então, a penetrar na medicina, através do *role-playing* da relação médico-paciente, prática que se expandia na formação dos residentes em hospitais públicos (Jornal Psi, março/abril de 2001).

No que tange à Ditadura Militar, cumpre lembrar que durante toda a duração do V Congresso se exerceu intensa repressão: eram onipresentes as siglas da Polícia Política (DOI-CODI, DOPS, OBAN), cujos representantes censuraram inúmeros cartazes (que exibiam frases...de Moreno!) e vetaram qualquer espécie de participação do Living Theater⁹ (COIMBRA, 1995).

⁸ Acesso em 12/08/2004

⁹ Embora o Living Theater não tenha conseguido fazer qualquer manifestação, outras interdições chegaram a ser habilmente transgredidas. Sabe-se atualmente que Georges Lapassade – a quem tampouco fora concedido espaço oficial – pediu a Jacques Ardoino para usar alguns minutos ao início de seu *atelier*, com a anuência do colega. Nas palavras do próprio Ardoino, esses poucos minutos se prolongaram das nove horas da noite às três horas da madrugada (Ver ASSOUS, 2002: 40).

Grupo de teatro de vanguarda fundado em Nova York (1947) por Julian Beck e Judith Malina, o Living Theater fora pioneiro do movimento *off-Broadway* nos anos 1950 e conquistara a Europa na década de 1960, destacando-se o espetáculo *Paradise Now*. Chega ao Brasil em 1970 a convite do Grupo Oficina, liderado por José Celso Martinez Correa (MACIEL, 1996). Em pleno período ditatorial, é percebido não apenas como um grupo que busca romper com as estruturas tradicionais de expressão teatral, mas como instância nitidamente política. Trazendo à baila a questão da liberação sexual – sem a qual, segundo seus integrantes, não seria possível falar em práticas libertárias –, bem como a de um cotidiano contracultural – mais do que ser mero coletivo vanguardista nas artes, o Living prega uma vida comunitária, crítica do *establishment* –, o grupo incomoda os militares no governo¹⁰. E incomoda especialmente em uma ocasião, como a do V Congresso, na qual teria a possibilidade de atingir um público numeroso e razoavelmente heterogêneo.

A despeito do clima repressivo, o evento reuniu cerca de 3000 pessoas, dentre as quais devem ser computados, uma vez mais segundo a entrevista de Cesarino (Jornal Psi, março/abril de 2001), vários integrantes do II Exército, aos quais os organizadores foram obrigados a conceder inscrição, e gratuita!

O sucesso de público e a grande repercussão na imprensa não teriam despertado, entretanto, entusiasmo unânime entre os próprios psicodramatistas. Ao menos é o que avalia atualmente José Carlos Landini, em entrevista divulgada no site da FEBRAP¹¹. Acredita ele que o V Congresso tenha exacerbado conflitos, e chega a defini-lo como o anti-psicodrama:

(...) o Bermudez – e nós também, eu participei ativamente – montava grupos de “faz de conta que era uma sessão”, com alguém dirigindo, para o público assistir. É o anti-psicodrama não é? (...) Era um teatro. A gente se empenhou ao máximo – tinha quase 3000 pessoas no MASP, de todo naipe –, era franqueada a entrada a qualquer pessoa.

“A idéia era divulgar o psicodrama?” – pergunta o entrevistador. Landini responde:

É. Era divulgar. Aí, eu acho que o tiro saiu pela culatra. Ou saiu certo, não sei. Não deu muito certo. A partir dali a crise foi muito forte, acabamos – digo acabamos porque eu faço parte daqueles que brigaram com Bermudez. Aí ele foi embora, praticamente expulso daqui do Brasil. Então aí tinha uma guerra: os “Bermudez” e os “não Bermudez. (...) A divisão era pessoal. Na discussão não era teoria”.

Em função das divergências entre grande parte dos psicodramatistas brasileiros e Rojas-Bermudez, ocorre uma ruptura no GEPSP, a partir da qual são fundadas, em dezembro de 1970, duas novas entidades: a Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama (ABPS) – liderada por Íris Soares de Azevedo, José Manoel D’Alessandro e Alfredo Correia Soeiro – e a Sociedade de Psicodrama de São Paulo (SOPSP) – liderada por

¹⁰ Após uma permanência no eixo Rio-São Paulo, o Living Theater segue para Ouro Preto, participando do famoso Festival de Inverno daquela cidade. Quando já conta com dois anos de estada no país – período durante o qual foi invariavelmente alvo da vigilância estatal –, o grupo acaba sendo preso, sob a alegação de porte de maconha, e posteriormente deportado.

¹¹ Acesso em 30/06/2003.

Laércio Lopes, Paulo Uzeda e Antônio Carlos Cesarino. A respeito, comenta José Carlos Landini na entrevista que vimos acompanhando:

Quando a gente brigou com Bermudez e mandou ele embora, aí os grupos se dividiram. Vou chutar, uns 230 ou mais ou menos fundaram a SOPSP e uns 100 fundaram a ABPS. Então na ABPS ficaram aqueles que eram ligados a Bermudez e continuam até hoje. E na SOPSP ficaram aqueles, digamos, que fizeram força para Bermudez ir embora.

Na mesma linha do depoimento de Landini, outras entrevistas com ex-integrantes do GEPSP atribuem a ruptura de parte do grupo com Bermudez a ‘problemas pessoais’ – enfatizando seu autoritarismo, sua intolerância à divergência – ou, no máximo, a conflitos financeiros – aparentemente, o líder não era nada transparente em questões de dinheiro, nem mesmo com a equipe argentina que o acompanhava a São Paulo. De acordo com entrevista concedida por Alfredo Correia Soeiro ao Jornal da FEBRAP (Setembro/1995), integrantes de tal equipe revelaram, pouco antes do V Congresso, que Bermudez ocultava dos companheiros os reais valores recebidos pelas atividades de formação. Esta revelação, ao ver de Soeiro, desencadeou conflitos no interior do grupo de coordenadores brasileiros acerca da figura do diretor e precipitou a ruptura. Porém Soeiro acrescenta que antes disso já havia segredos polêmicos no GEPSP: os coordenadores, que em princípio teriam funções de cunho somente organizativo, haviam passado a receber, às escondidas dos demais, uma “dupla carga” formativa, pois Bermudez pensava em transformá-los em “didatas” (ou “diretores”, nos termos do psicodrama moreniano)¹².

Parece-nos, contudo – e a partir deste ponto iniciamos um enfoque mais analítico dos acontecimentos –, que esse centramento na pessoa de Bermudez, embora não careça de importância, indica um ativo desconhecimento, por parte dos agentes, da cisão político-institucional que já há algum tempo atravessava o movimento psicodramático, se levarmos em conta o contexto latino-americano.

A Associação Argentina de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo (AAPPG), da qual Bermudez fora um dos fundadores, em 1963, e à qual o GEPSP era filiado, passara, em 1964, por uma cisão: psicodramatistas que então abandonaram a associação formaram, em 1965, o Grupo Experimental Psicodramático Latino-americano. Conquanto as divergências no interior da AAPPG possam ser lidas por um viés doutrinário – desde os primeiros movimentos do psicodrama na Argentina, sua mescla com a psicanálise gerara tensões de difícil solução, resultando na separação entre os “morenianos”, que permaneceram na associação, e os “psicanalistas”, que com ela romperam (CARPINTERO e VAINER, 2004) –, o tema demanda, decerto, uma apreciação menos

¹² Em 1990, como parte de uma coletânea comemorativa do centenário (1989) do nascimento de Moreno, um artigo de Luiz Cuschnir transcreve trechos da Newsletter nº 1, de 15/06/1972 (World Center for Psychodrama, Sociometry and Group Psychotherapy), os quais revelam o cancelamento dos direitos da Associação Argentina de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo (AAPPG) de oferecer formação em Psicodrama e a retirada do título de diretor concedido a Bermudez. As razões alegadas remetem, respectivamente, à gestão da AAPPG (“manejo autoritário”) e a uma “situação considerada não ética”: o ocultamento dos valores pagos pela formação dos brasileiros (Cuschnir, 1990: 50-52).

internalista. Pois o Grupo Experimental Psicodramático Latino-americano¹³ era algo bem distinto de um simples defensor de qualquer tendência teórico-técnica: funcionava em regime autogestionário, promovia ações junto a estabelecimentos públicos e intervenções político-culturais em comunidades, analisava criticamente o funcionamento das práticas *psi* enquanto forças capitalísticas. Pouco tempo depois da crise do GEPSP, durante o VI Congresso Internacional de Psicodrama e Sociodrama, realizado em Amsterdam (1971), faz uma leitura pública do “Manifesto do Grupo Experimental Psicodramático Latino-americano”, no qual se denuncia o uso das técnicas psicodramáticas como simples produto de consumo: eximindo-se de detectar e combater situações de injustiça social, o psicodrama se estaria tornando incapaz de promover mudanças político-institucionais, conforme anunciara sua profecia fundadora¹⁴. É também importante lembrar que Eduardo Pavlovsky, um dos signatários do manifesto e membro titular da Associação Psicanalítica Argentina (APA), integrou o Plataforma Argentino – grupo de psicanalistas que, no mesmo ano de 1971, romperia com a associação psicanalítica local e, conseqüentemente, com a International Psychoanalytical Association (IPA), repudiando os comprometimentos burgueses das associações psicanalíticas oficiais¹⁵. A partir de então, o Grupo Experimental Psicodramático Latino-Americano se incorporará ao processo formativo oferecido aos “trabalhadores de saúde mental” (psicólogos, psiquiatras, pedagogos e assistentes sociais, sem distinções corporativas) no Centro de Docência e Investigação (CDI). O engajamento de uma maioria de psicanalistas no CDI não impedirá, então, que a disciplina “Concepção dramática de psicoterapia” seja incluída no currículo, e nele sobremaneira valorizada.

Retornando ao Brasil e ao contexto do V Congresso, avaliamos como relevante, para a continuidade de nossa análise, fazer uma breve referência a um personagem de certo modo distante dos conflitos entre os psicodramatistas paulistanos e Bermudez, embora tomado na órbita dos mesmos. Encerrado o V Congresso, Pierre Weil, que lançara o movimento psicodramático em Minas Gerais e, desde então, liderava as ações em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro, convida Anne Ancelin Schützemberg, que já estivera outras vezes no Brasil, para novos seminários no país. Na esteira dessas atividades Weil funda, juntamente com ela, a Sociedade Brasileira de Psicoterapia, Dinâmica de Grupo e Psicodrama, na capital mineira¹⁶. Na entrevista a que com freqüência recorremos, comenta a respeito José Fonseca:

Até 1970, ele [Weil] não tinha fundado, oficialmente, nenhuma entidade. Quando, durante o congresso de São Paulo, assistiu àquela luta pelos territórios psicodramáticos, resolveu também fincar a sua bandeira“ (grifos nossos).

A menção a Weil nos serve de mote para retomar as *linhas soltas* que tivemos a preocupação de registrar no início deste artigo. Esta retomada pode soar paradoxal: nossas primeiras aproximações ao V Congresso

¹³ O grupo se extinguirá em 1975, quando o terror instaurado pela direita peronista anuncia o Golpe Militar e suas implacáveis perseguições a tudo que sugira posições de esquerda.

¹⁴ Para ter acesso ao texto integral do manifesto, ver Bouquet, Moccio e Pavlovsky, 1971

¹⁵ Abordagem detalhada do percurso de Plataforma, primeiro grupo de psicanalistas a romper com a IPA por razões políticas, está em Fernandes, Duarte e Rodrigues, 2001.

¹⁶ Pouco tempo depois, a Sociedade terá também uma regional carioca.

pareciam justamente dispensá-la, visto que as iniciativas mais remotas ligadas à prática do psicodrama se configurariam como meros fragmentos, sem grande sentido ou impacto quando comparadas ao evento do MASP. Pois este, a despeito de pautado em um caráter científico – contava com a chancela de entidades ligadas à medicina e à psiquiatria –, destacou-se efetivamente por acentuar contrastes entre o privado e o público, o elitista e o popular, a disciplina científica e a criação artística, a repressão à loucura e sua liberação. Articulou-se assim, visivelmente, em termos de emoções e aspirações, a toda uma atividade política interdita pela Ditadura Militar – como a Pedagogia do Oprimido (Paulo Freire) e o Teatro do Oprimido (Augusto Boal) –, já exilada ou em vias de sê-lo. Também em termos culturais o V Congresso extrapolou em muito o campo *psi*, ganhando repercussão na grande imprensa e a adesão entusiasta de uma série de agentes ligados às artes. Tais aspirações, emoções e entusiasmos são reatualizados nas palavras do psicodramatista Luís Falivene, em entrevista concedida ao jornal da FEBRAP¹⁷: “Em vez da revolução militar, a revolução criadora de Moreno. No lugar do indivíduo intimidado, o grupo espontâneo. Em vez do teatro censurado, o teatro da espontaneidade”.

É curioso observar, contudo, que apesar de diversos agentes terem sido introduzidos ao Psicodrama através de iniciativas mais remotas – nossas *linhas soltas* –, ele só “tome corpo” no Brasil a partir da presença de Bermudez, conforme expressão presente no depoimento de José Fonseca:

*... a bem da verdade, já que estamos falando de história, eu já tinha presenciado algumas sessões de psicodrama. A Íris Soares de Azevedo já fazia psicodrama em São Paulo. Ela introduziu algumas pessoas na técnica, entre elas o José Manoel D’Alessandro e o Alfredo Correia Soeiro. Assisti a uma palestra ministrada por Íris no Serviço de Psiquiatria do Hospital do Servidor Público Estadual, provavelmente em 1966. Nesse mesmo hospital, D’Alessandro dirigia um grupo de adolescentes (...). Porém, com a vinda de Rojas-Bermudez, em 1968, o movimento psicodramático **tomou corpo** (grifos nossos).*

José Fonseca também assevera que o psicodrama era utilizado apaixonadamente nos hospitais públicos da capital paulista antes da presença de Bermudez no Brasil:

Éramos jovens psiquiatras e psicólogos sequiosos por novos conhecimentos. No Hospital do Servidor e no Hospital das Clínicas, iniciávamos o movimento da psicoterapia de grupo, ao qual veio se agregar o psicodrama (...). O movimento da psicoterapia de grupo e do psicodrama representava a liberação do setting intimista da psicoterapia individual. Nossos “gurus” passaram a ser Moreno, Lewin, Slavson, Bion, Foulkes, Rodrigué, Langer e muitos outros.

A seguir, em resposta ao entrevistador, que enfatiza o paradoxo entre o momento político de repressão e o psicodrama – o qual propunha a abertura de segredos em público –, Fonseca acrescenta:

Sua observação (...) é válida e nos remete ao fato de que, às vezes, viver perigosamente, correr riscos, é mais atraente do que viver uma vida segura e chata. Era mais emocionante fazer psicoterapia de grupo naquela época!

¹⁷ Acesso em 10 de setembro de 2004.

Sendo assim, embora existissem, supostamente em imanência, uma contestação à Ditadura Militar e um questionamento da clínica bipessoal (fosse ela meramente medicamentosa ou incluísse alguma ‘escuta’) no campo da saúde mental, também se evidencia que o “tomar corpo” da prática psicodramática esteve diretamente ligado (e quiçá subordinado...) a “bandeiras” – para retomar termo utilizado por José Fonseca – mais *especializantes* do que *contraculturais* (ou mesmo militantes). O título de “diretor” concedido a Bermudez pelo World Center vem reterritorializar e sobrecodificar, em termos de *pertencimento a instituições oficiais*, inúmeras linhas de ação que anteriormente se espalhavam por âmbitos laborais, educativos, de saúde, artísticos, das lutas raciais etc. Ao que parece, e mais uma vez aproveitando as palavras de Fonseca, a segurança se fez, então, mais atraente do que o risco.

Em apoio a tal hipótese, pode-se mencionar a situação do Psicodrama Pedagógico. Já em 1969, Maria Alicia Romaña, da equipe de Bermudez, criara quatro grupos formativos nessa linha. Durante o V Congresso, porém, nenhum dos integrantes do “pedagógico” foi chamado a atuar como ego-auxiliar nas sessões públicas. Quando consumada a ruptura com Bermudez, os grupos do Psicodrama Pedagógico ou não encontram acolhida nas novas associações (ABPS e SOPSP) ou, quando encontram alguma, são claramente ‘menorizados’ – impedidos de votar nas reuniões oficiais, por exemplo¹⁸. Tal situação é indicativa da monopolização terapêutica e, inclusive, francamente *médica* do Psicodrama à época, o que nos faz evocar uma preciosa observação de Coimbra (1995: 235): segundo os documentos consultados e as entrevistas colhidas em sua pesquisa, desde o momento da escolha dos coordenadores do GEPSP, a presença de Íris Soares de Azevedo, psicóloga, foi acatada com dificuldade por Bermudez. A presença de Íris como coordenadora só se teria efetivado por insistência dos demais agraciados – afinal, como registramos em nossas *linhas soltas*, D’Alessandro e Soeiro, por exemplo, haviam sido introduzidos por ela à prática do Psicodrama. Por conseguinte, somos levados a concluir que enquanto em grande plano o V Congresso tudo contesta, no plano dos exercícios cotidianos de poder se afirmam (e se fixam) hierarquias bastante estritas: o “corpo” que o Psicodrama “toma” à época faz da multiplicidade de ações anteriores algo classificável como “espontaneísta” e “carente de fundamento” quando comparado com o que merece chancela oficial – o GEPSP, promotor do V Congresso. A prática do psicodrama ganha, com isso, a forma de uma especialidade terapêutica e mesmo de um monopólio *médico*, admitindo-se no máximo a presença, entre os “grandes”, de uma psicóloga cuja ascendência sobre alguns companheiros não pode ser negada e recusando-se, integral ou parcialmente, mesclas espúrias com o pedagógico, “meramente” educativo; as principais lutas concentram-se em “bandeiras” ditas “éticas” (pró/contra Bermudez ou, no caso de Weil, extra-Bermudez), das quais o político se vê prontamente excluído (ativo desconhecimento dos conflitos que percorrem o movimento latino-americano e reconhecimento das polêmicas internacionais unicamente sob a égide do familiarismo, das brigas fratricidas entre os “filhos” de Moreno).

¹⁸ Frente a tal situação, Marisa Nogueira Greeb procurou Maria Alicia Romaña e ambas fundaram em São Paulo, em 1971, uma escola exclusivamente dedicada ao Psicodrama Pedagógico, a *Role Playing – Pesquisa e Aplicação*.

Apesar de tudo isso, mas de forma menos grandiloqüente do que a anteriormente sugerida, divisa-se na esteira do V Congresso “o ronco surdo da batalha”(FOUCAULT, 2004: 254). Quando explode a “polêmica Bermudez”, os representantes dos grupos em formação passam a se reunir para debater os problemas do GEPS e, nessa ocasião, se auto-intitulam “Grupo dos 11”. Intencionalmente ou não, reativam assim o nome atribuído aos agrupamentos civis informais constituídos sob a inspiração de Leonel Brizola, antes do Golpe de 1964, cujo objetivo era organizar a população para que reagisse às eventuais tentativas da direita de brechar uma revolução nacional presumidamente iminente¹⁹. Os grupos brizolistas, como sabemos, fracassaram em seu intento; já as reuniões do “Grupo dos 11” psicodramático redundaram em fidelidades ou repúdios ao “grande diretor” Bermudez – forças em luta que cedo se transformaram em formas (ABPS e SOPSP), ou seja, em *instituições*, no sentido que dá ao termo a Análise Institucional (DELEUZE, 1988:83; LOURAU, 1978: 136).

Expansão e re-conciliação

A partir de então, por mais que cindido, o movimento psicodramático se expande enormemente, já que ABPS e SOPSP passam a criar “braços” em outras cidades e/ou estados. Com isso, afirma-se progressivamente o modelo de formação em Psicodrama, que praticamente não difere do psicanalítico: tal como a Psicanálise exige, para a constituição de um *study-group*, a presença de um analista didata oficialmente reconhecido, o Psicodrama demanda, para a constituição de uma nova associação ou sociedade, a presença legitimadora de um “diretor” – coisa que somente ABPS e SOPSP podem oferecer.

Não nos estenderemos na apresentação de siglas e números, tampouco em debater eventuais diferenças de funcionamento entre as associações rivais. Para os objetivos deste artigo, é suficiente, assinalar a presença constante no Brasil, a partir de 1974, do psicodramatista argentino Dalmiro Bustos²⁰, entusiasticamente acolhido pela SOPSP. Já a ABPS permaneceu muito ligada a Bermudez, defendendo tanto suas propostas formativas quanto, em termos paradigmáticos, a Teoria do Núcleo do Eu²¹ (estritamente moreniana, segundo o próprio Bermudez, ou apenas bermudeana, na opinião de adversários ou detratores). Porém o crescimento exponencial do movimento psicodramático durante a primeira metade da década de 1970²² acabou por levar a situações inusitadas. De tanto promover estágios formativos aqui e ali, integrantes da ABPS e da SOPSP se viram, a partir

¹⁹ Apontando à ironia que cerca o trajeto das denominações, não custa lembrar que “Grupo dos 11”, atualmente, remete à reunião dos ditos “países em desenvolvimento”.

²⁰ Antigo colaborador de Rojas-Bermudez, Dalmiro Bustos rompeu com a AAPP e, após uma estada em Beacon, fundou, na Argentina, o Instituto de Formação em Psicodrama Jacob Lévy Moreno. Influenciado pela Psicanálise, teria contribuído para ‘desmedicalizar’ a prática de muitos psicodramatistas, embora eventualmente ao custo de certa ‘psicanalização’. Em 1979, fundou em São Paulo o Instituto Moreno e, nos anos 1980, desenvolveu trabalhos psicodramáticos na cidade argentina de La Plata com mais de uma centena de pais de soldados que se achavam nas Malvinas, quando da guerra contra os ingleses pela posse das ilhas.

²¹ Costuma-se caracterizar a Teoria do Núcleo do Eu como uma mescla de Teoria da Espontaneidade moreniana, fisiologia, consideração dos papéis psicossomáticos na infância remota e idéias psicanalíticas acerca da sexualidade infantil. Nessas bases, visaria a criar uma teoria do desenvolvimento e uma psicopatologia psicodramáticas.

²² Tal crescimento, cumpre frisar, é também o das práticas *psi* em geral, a ponto de se falar, ao menos quanto às grandes cidades brasileiras, em instauração de uma “cultura psicológica” ao longo dos anos 1970 (Russo, 2002).

de certo momento, oferecendo seminários...para os mesmos grupos. José Fonseca assim focaliza o ocorrido, na entrevista a que freqüentemente recorremos:

As pessoas estavam juntas, em termos de uma filosofia e de uma técnica, mas nunca se encontravam. Leve-se em conta que o movimento era tão jovem que não apresentava diferenças teóricas ou técnicas, somente políticas. Em Curitiba, os grupos terapêuticos pioneiros eram dirigidos por dois psicodramatistas, um associado à ABPS (Sebastião de Mello) e o outro à SOPSP (eu). Resultado: SOPSP e ABPS uniram-se para ministrar os seminários teóricos aos paranaenses. Na ocasião, conversei com José Manuel D’Alessandro, então presidente da ABPS, sobre a idéia de fundarmos uma entidade nacional. Ele mostrou-se entusiasmado.

Após algumas reuniões na sede da SOPSP, os diversos grupos de psicodramatistas (Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Campinas, Ribeirão Preto, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Salvador) chegaram a um acordo em torno do estatuto de uma entidade nacional, a FEBRAP (Federação Brasileira de Psicodrama). Mas não sem a reativação de velhas disputas e o recurso a prestigiadas arbitragens, conforme relembra José Fonseca:

Eleito para coordenar as reuniões, procurei conciliar os diferentes pontos de vista, alguns difíceis de serem atingidos. Por exemplo, os seguidores de Rojas-Bermúdez faziam questão que constasse dos estatutos da nova entidade a obrigatoriedade do estudo da Teoria do Núcleo do Eu. (...) Pierre Weil, que era mais velho e experiente do que os outros representantes, foi de extrema valia. Participou com humildade e bom senso de todo o projeto. Outra pessoa importante foi Soeiro, que começou reticente, mas depois desarmou-se e colaborou efetivamente no projeto comum.

Não se duvida das reticências de Alfredo Correia Soeiro ao ler sua entrevista, datada de 1995 – praticamente vinte anos após a fundação da entidade nacional, portanto – ao Jornal da FEBRAP:

...porque eu acho o seguinte, que a FEBRAP foi uma das responsáveis pelo adoecimento, por causa da ideologia que se estabeleceu. Porque a FEBRAP ficou sendo dirigida pelo grupo da SOPSP, que com aquela influência analítica e com a influência de Bustos, e com a raiva que tinham de Bermudez, começaram a dar ênfase no psicodrama seqüencial e no psicodrama bipessoal. Quer dizer, o psicodrama não precisava mais ser grupal, podia ser bipessoal. Não precisava ter tablado e o cara podia fazer quase uma psicanálise! (...) Não estou falando da FEBRAP instituição, mas sim enquanto ponto de vista teórico de ideologia moreniana. Aí ficou uma coisa curiosa: era moreniano, enquanto FEBRAP valorizava Moreno, mas a ideologia era toda analítica (Jornal da FEBRAP, ano 12, nr.2, set/1995).

Percebe-se que embora a criação da entidade federativa tenha por meta uma ‘funcionalização harmonizadora’ da formação e prática do Psicodrama, antigas tensões invariavelmente a assediam. Quanto a isso, as palavras de Sergio Perazzo, em artigo datado do mesmo ano da entrevista de Soeiro, soam emblemáticas: “Os mais velhos, nesta época, eram chamados carinhosa e jocosamente pelos mais novos de ‘vacas sagradas’ e os jovens mais promissores de ‘bezerros sagrados’”(PERAZZO, 1995:32).

“Segredos” e “sagrados” permeiam, portanto, a fundação, em 1976, da FEBRAP, cujos objetivos são, segundo divulga seu antigo *site* oficial²³, “regulamentar a formação dos psicodramatistas que, até esse momento, era realizada por um grande número de escolas de Psicodrama Terapêutico e Pedagógico em vários estados do país”. Congregando, no momento da fundação, 14 entidades, a FEBRAP, ainda de acordo com o mesmo *site*, tem como atribuições “promover a divulgação do saber psicodramático brasileiro, estimular a comunicação e a integração dos profissionais através de suas entidades federadas e possibilitar a comunicação nacional e internacional entre as mesmas”.

Pouco nos deteremos na trajetória desse psicodrama “federado”. Mas não podemos nos furtar a dizer que a proibição, até 1986, da presença de estrangeiros, bem como a interdição, que se estenderá até 1992, da presença de não-psicodramatistas em seus congressos²⁴ sugere uma espécie de “prevenção controladora” quanto a tudo que possa soar a exterioridade disruptiva. E apesar de não sermos acriticamente crédulos no poder analítico dos simbolismos – ABPS e SOPSP já constituem, em nossa perspectiva, uma sobrecondição da multiplicidade de forças presentes no psicodrama brasileiro –, vale concluir esta seção com a observação provocativa de Luís Falivene: “Interessante verificar o logotipo da FEBRAP, onde aparecem duas figuras semelhantes, em posições opostas, mas como que tentando se encontrar e constituir um círculo (unificação), parecendo simbolizar a cisão inicial do GEPSP”.

Psicodrama e Estado

Em 21 de março de 2001, a prefeitura de São Paulo promove o evento “Ética e Cidadania”, para cuja realização contribuem (gratuitamente, vale frisar) cerca de 700 psicodramatistas, pertencentes a diversas entidades, com o apoio da FEBRAP. Durante a realização, os habitantes da paulicéia são convidados a falar sobre sua relação com a cidade: “O que você precisa para ter uma feliz cidade?” é a questão-base proposta. De acordo com Antonio Carlos Cesarino, em artigo publicado cerca de dois meses depois na Folha de São Paulo, “a intenção da prefeita [Marta Suplicy] e dos (...) psicodramatistas que se espalharam pela cidade era recriar uma possibilidade de presença, de auto-estima, de sensação de pertencer a um coletivo e de discutir e assumir a própria cidadania” (Folha de São Paulo, 07/maio/2001). Estima-se que entre 7000 e 8000 pessoas tenham participado do “Ética e Cidadania”, que teve lugar em aproximadamente 180 pontos de São Paulo, incluindo escolas, livrarias, praças, auditórios, centros culturais e a própria câmara dos vereadores.

Os temas específicos abordados nos grupos, cuja composição oscilou entre 10 e 600 participantes, emergiam no próprio desenrolar da atividade e, segundo o noticiado nos jornais, voltavam-se para aspectos como desemprego, falta de moradia, ineficiência do transporte urbano, violência, dificuldade em receber a aposentadoria etc. Antonio Carlos Cesarino, no artigo acima mencionado, explicita a congruência entre o ocorrido e a perspectiva psico(socio)dramática:

²³ No momento da publicação deste artigo, o texto do *site* (acessado em 28 de junho de 2004) se acha um pouco modificado, embora ainda contenha os trechos transcritos.

²⁴ Em 1978, a FEBRAP promoveu seu I Congresso Brasileiro de Psicodrama, em Serra Negra (São Paulo), presidido por Alfredo Naffah Neto. A partir de então, os congressos nacionais realizam-se a cada dois anos.

No psicodrama, a platéia e os artistas se confundem; o texto surge na hora e o drama é o drama do grupo presente. Isso é a concretização, simbólica e com a força emocional da dramatização, de que o drama de cada um depende de um pensar e atuar coletivo. Quando esse instrumento trata de abordar temas institucionais, cujo interesse, no momento do trabalho, transcende o drama individual e se dirige ao coletivo, chama-se sociodrama. Foi isso o que aconteceu em São Paulo: um amplo sociodrama público, contribuindo para demarcar a diferença de postura entre os atuais e os últimos ocupantes da prefeitura (Folha de São Paulo, 07/maio/2001).

O evento contou, inclusive, com a participação da prefeita Marta Suplicy, que dramatizou, em um dos grupos, o papel de vítima da violência urbana. Na cena criada, Marta acusa os guardas municipais de incompetência por não terem conseguido prender o rapaz que acabara de assaltá-la. “A senhora então nos acompanhe ao Distrito Policial” – disseram os “guardas-atores”. “Não vou, não me meto com polícia” – retrucou Marta. Os atores – alunos do curso de preparação para a Guarda Civil –, sem saber mais o que fazer, foram ajudados por Cesarino, diretor do sociodrama: “Falem o que estão pensando!”. E um deles deixou escapar: “Perua pentelha e mal-educada!” (Folha de São Paulo, 22/março/2001).

A despeito dos esclarecimentos, previamente fornecidos à imprensa, de que o “Ética e Cidadania” pretendia que as pessoas falassem de suas relações com o cotidiano de São Paulo, o evento foi recebido com cáustica ironia, construída através de uma mescla de psicologização e críticas à administração: “Divã de Marta vira balcão de reclamações” diz a manchete da Folha de São Paulo, no dia seguinte. O tom da reportagem não se mostra mais suave: “O megapsicodrama realizado pela administração petista em São Paulo transformou-se numa multiplicidade de queixas sobre a cidade e condições de vida. Pode entrar para o livro dos recordes como a maior lamentação coletiva (...)” (Folha de São Paulo, 22/março/2001).

As críticas vieram também de vereadores paulistanos. A programação previa trabalhos de dramatização na Câmara, mas os parlamentares não compareceram²⁵. Nem mesmo os membros da bancada do Partido dos Trabalhadores (PT) se engajaram na proposta. O psicodramatista Içami Tiba, escalado para coordenar os grupos da Câmara, aguardou em vão a presença dos virtuais participantes. Ao fim de uma hora e meia de espera deixou o local, declarando aos repórteres: “Meu sonho era fazer um psicodrama com os vereadores. Mas o psicodrama faz com que a pessoa se exponha, seja vista de forma completa, e isso o político não gosta de fazer” (Folha de São Paulo, 22/março/2001). Procurados pelo jornal para esclarecerem os motivos da ausência, os vereadores petistas alegaram, em geral, a existência de outros compromissos no mesmo horário. Não faltaram, todavia, ironias análogas às das manchetes jornalísticas, no caso apelando a considerações supostamente ‘antropológicas’. “Divã de pobre é terreiro de macumba”, disse o vereador Devanir Ribeiro (PT), talvez sem suspeitar o quanto sua declaração estaria próxima à de Erasmo Dias (PPB), que afirmou: “É muita filosofia para o meu gosto. A coisa tem de ser mais simples para chegar mais perto do povão” (Folha de São Paulo,

²⁵ A bem da precisão, cumpre dizer que Antonio Goulart, do PMDB, foi o único vereador presente, segundo a Folha de São Paulo de 22/3/2001.

22/março/2001). Vale acrescentar que, entrevistado pela Folha de São Paulo na véspera do evento, o psiquiatra Carlos Laganá de Andrade hipotetizara ser o “Ética e Cidadania” uma forma de a administração petista se expor à crítica. “Não há como conduzir um processo como esse reprimindo as pessoas” – disse ele –, ao que a reportagem local acrescentou: “O fato de o megapsicodrama acontecer no início da gestão garante certa tranquilidade aos administradores. Mesmo os petistas reconhecem que, em final de administração – qualquer que seja ela –, uma catarse coletiva pode significar um risco político” (Folha de São Paulo, 21/março/2001). Provavelmente, os parlamentares preferiram a segurança ao risco, não obstante se tratar de um início de gestão...

Conclusões, indagações

Em 7 de maio de 2001, o psicodramatista Antonio Carlos Cesarino, ainda na órbita da ressonância – que seria empobrecedor chamar de ‘sucesso’ ou ‘fracasso’ – do evento “Ética e Cidadania”, publicou na Folha de São Paulo um artigo intitulado *Psicodrama na rua: se não se recria a noção de que a cidade pertence aos seus habitantes, e não aos donos do poder, que sentido faz governar?*. O texto interpela não apenas os mandatários estatais, mas todos os pequenos governos profissionalistas, especializantes, os quais, quando se trata das práticas *psi*, promovem maneiras de pensar, agir e ser que têm por pressuposto que “a vida e o destino de cada um são obra dele mesmo”, implicando, como consequência, que “não é necessário ser solidário”, que “a comunidade é uma ficção” (CESARINO, 2001). O autor responde, com isso, aos que chamaram de “perfumaria” o evento “Ética e Cidadania”, acrescentando:

*Talvez para esses críticos governar seja um mero exercício pessoal de vaidade e de poder. Ou uma mera construção de ruas e pontes. É necessário tapar buracos, cuidar da saúde e das escolas, mas se patenteia com clareza que o que se fizer é para ser feito **para e com as pessoas da cidade**. Existe uma forma mais rica e humana de pensar a política. O poder só tem sentido se sua função considera a utilidade geral (CESARINO, 2001 – grifos nossos).*

Nosso artigo, que ora se encerra, pretendeu demonstrar que o momento do V Congresso Internacional de Psicodrama e Sociodrama, a despeito da imagem consagrada de desafio à Ditadura e bastião da contracultura, foi o trampolim para a transformação do Psicodrama, no Brasil, em prática profissional especializada, que muito pouco preservou de um fazer “para e com as pessoas da cidade” – para retomar as palavras de Cesarino.

Avaliamos que esta cisão entre uma técnica terapêutica como as demais e um explosivo promotor de publicização continua a permear o movimento psicodramático brasileiro, pois embora o psicodrama, predominantemente, se tenha reterritorializado em um conjunto de saberes e práticas com finalidades especializadas, continua a ser, talvez, o dispositivo *psi* mais atuante na abordagem de problemáticas sociopolíticas do presente, como a promoção dos Direitos Humanos, a análise dos exercícios da violência, o debate acerca do impacto cultural do HIV etc. Neste último aspecto, ele eventualmente reativa uma linha solta da memória, ou seja, sua longínqua gênese social moreniana, ligada ao espaço das ruas.

Reaprecia-se essa duplicidade nas polêmicas geradas pelo evento “Ética e Cidadania”, o que põe em cena a seguinte indagação: será possível uma arte de governar que lance mão do dispositivo psicodramático com vistas a algo

diverso da promoção de um espetáculo momentâneo, articulando-o, efetiva e cotidianamente, a transformações institucionais radicalmente democráticas?

Tal questão permanece, para nós, em desejável abertura. **Post Scriptum**

Em 2006, momento da publicação de um artigo redigido em 2003/2004, a questão talvez já tenha sido respondida. E não, infelizmente, da maneira que desejaríamos. Cumpre, pois, inventar novas armas....

Referências bibliográficas:

Livros e artigos:

- ASSOUS, R. *L'analyse institutionnelle hier et aujourd'hui*. Paris: Éditions AISF, 2002.
- BAPTISTA, M.T.S. As abordagens corporais: uma ampliação do campo da Psicologia, possibilitada pelas experiências oferecidas pelo Sedes Sapientiae - São Paulo. *Mnemosine*, v. 1, n.1, jul/2005.
- BOUQUET, C.M.; MOCCIO, F.; PAVLOVSKY, E. *Psicodrama*: cuándo y por qué dramatizar? Buenos Aires: Proteo, 1971.
- CANGUILHEM, G. O objeto da história das ciências. *Tempo Brasileiro* n.28, 1972.
- CARPINTERO, E. e VAINER, A. *Las huellas de la memoria*, tomo I. Buenos Aires: Topía Editorial, 2004.
- COIMBRA, C.M.B. Guardiães da ordem. *Algumas práticas psi no Brasil do “milagre”*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.
- CUNHA, A.A; DORNA, F.H.; RODRIGUES, H.B.C. Uma contribuição à história da Análise Institucional no Brasil através de depoimentos orais: o Setor de Psicologia Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) nas décadas de 1960 e 1970. *Mnemosine*, vol.2, n.1, jul/2006.
- CUSCHNIR, L. “Mesa redonda dos meus objetos que têm a ver com Moreno”. Em: Aguiar, M. (coord.) *O psicodramaturgo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1990.
- DE DECCA, E. Ensaio sobre a memória anarquista: a história como ficção coletiva. *História Oral – Revista da ABHO*, n.2, jun/1999.
- DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FERNANDES, P.J.; DUARTE, M.G.S.; RODRIGUES, H.B.C. “Breve história do Grupo Plataforma Argentino”. Em: Jacó-Vilela, A.M.; Cerezzo, A.C.; Rodrigues, H.B.C.(orgs.) *Clio-Psyché hoje. Fazeres e dizeres psi na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001.
- FOUCAULT, M. “Nietzsche, a genealogia e a história”. Em: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- LAPASSADE, G. *Les chevaux du diable*. Paris: J.P.Delarge, 1974 .
- LOURAU, R. *L'état inconscient*. Paris: Minuit, 1978.
- MACIEL, L.C. *Geração em transe. Memórias do tempo do tropicalismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- OLIVEIRA, L.L. *A sociologia do Guerreiro*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.
- PERAZZO, S. “O Psicodrama no Brasil”. Em: Ciornai, S. (org.) *Vinte e cinco anos depois – Gestalt-terapia, psicodrama e terapias neo-reichianas no Brasil*. São Paulo: Ágora, 1995.
- RODRIGUES, H.B.C. *No rastro dos ‘cavalos do diabo’*. *Memória e história para uma reinvenção de percursos do paradigma do grupalismo-institucionalismo no Brasil*. Tese de Doutorado. IPUSP/USP, 2002.
- RUSSO, J. *O mundo psi no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- SOEIRO, A.C. Entrevista. *Jornal da Febrap*, ano 12, n.2, p.6-7.
- WEIL, P. *Psicodrama*. Rio de Janeiro: CEPAL, 1967.

Imprensa:

- Jornal do Brasil; *Psicodrama em congresso*; Rio de Janeiro: 19 e 20/julho/ 1970.
- Biancarelli, A.; *Psicodrama promove ‘avaliação’ da cidade*; Folha de São Paulo – pg C10; São Paulo: 21/março/2001.

Biancarelli, A.; Diniz, M.; Duran, S.; *Divã de Marta vira balcão de reclamações*; Folha de São Paulo – pg C6; São Paulo: 22/março/2001.

Biancarelli, A.; *Prefeita vira “perua” em psicodrama*; Folha de São Paulo – pg C10; São Paulo: 22/março/2001.

Cesarino, A. C.; *Psicodrama na rua: se não se recria a noção de que a cidade pertence aos seus habitantes, e não aos donos do poder, que sentido faz governar?*; Folha de São Paulo – pg A3; São Paulo: 07/maio/2001.

Penteado, Gilmar; *Na Câmara, nem petista aparece*; Folha de São Paulo – pg C6; São Paulo: 22/março/2001.

Sites:

Febrap: www.febrap.org.br

Jornal Psi (CRP-SP): http://www.crpsp.org.br/a_acerv/jornal_crp/set_indice_jornal.htm

Livia Borges Hoffmann Dorna
Bolsista de Iniciação Científica - Pibic/CNPq

Aline de Araújo Gonçalves da Cunha
Bolsista de Iniciação Científica - Pibic/UERJ

Heliana de Barros Conde Rodrigues
Professora do Departamento de Psicologia Social e Institucional/UERJ
E-mail: helianaconde@uol.com.br